

Artigo de Opinião / Opinion Article

RASTREIO DO CANCRO DA MAMA - CONTROVÉRSIAS

BREAST CANCER SCREENING – CONTROVERSIES

Isabel Ramos

Serviço de Radiologia do Centro Hospitalar de
São João

O rastreio do cancro da mama cujo início data dos anos 80 do século passado, tem sido alvo nos últimos anos de um ataque à sua realização nos moldes previamente estabelecidos pelas diferentes sociedades científicas e organizações internacionais de Oncologia e Radiologia.

Apesar de sete estudos randomizados comprovarem que o rastreio do cancro de mama salva vidas, reduzindo a mortalidade, consoante os estudos, entre 15 a 49% (embora esta redução seja superior nas mulheres mais idosas, do que nas mulheres de idade compreendida entre os 40-49 anos) o papel do rastreio está a ser posto em causa.

Em 2009 um relatório da ‘U.S. Preventive Services Task Force’ recomendava que o rastreio só devia ser realizado, com uma frequência bianual, nas mulheres a partir dos 50 anos. Esta recomendação não tinha em conta os resultados dos estudos randomizados, que tinham demonstrado da utilidade do rastreio a partir dos 40 anos.

Em 2014 foi publicado um novo estudo sobre as várias versões do Rastreio Nacional Canadano que concluía que o rastreio salva poucas vidas, enquanto diagnostica muitos cancros (20%) que não causariam quaisquer problemas se não fossem tratados, pelo que o benefício, que originava, argumentavam não era significativo.

A análise dos resultados dos estudos canadianos não teve, no entanto, em conta que estes estudos são retrospectivos, não

planeados e realizados sobre mamografias de pouca qualidade técnica, parâmetros que podem influenciar as suas conclusões. Por outro lado, defendiam, evitava-se também a angustia que o diagnóstico destas lesões causava às mulheres.

Mas estes argumentos confundem o ‘overdiagnostic’ com o ‘overtreatment’, isto é, não estamos a identificar cancros que não existem, mas muito possivelmente estamos a usar terapêuticas agressivas, dada a dificuldade que ainda temos de distinguir entre cancros de crescimento lento dos que são de crescimento rápido e letal.

As recomendações destes estudos criaram uma enorme controvérsia e confusão, quer na comunidade médica, quer nas mulheres em geral, o que originou a que a maior parte das sociedades científicas oncológicas e radiológicas, intervissem mantendo o plano de rastreio a partir dos 40 anos.

Somos da opinião de que é importante separar a análise clínica e científica das considerações económicas. É à sociedade que compete decidir se o rastreio do cancro da mama é ou não demasiado oneroso, mas as mulheres devem poder dispor de toda a informação médica e científica para poderem participar na discussão sobre o seu benefício.

Os aspectos económicos não devem ser usados, neste como noutras situações, para influenciar a análise do benefício do rastreio.